

A LINGUAGEM

Valter da Rosa Borges

Nosso mundo é construído de palavras. Organizamos as coisas, segundo os nomes que lhes damos. Deus criou o mundo das coisas sem nomes. O homem pôs nome às coisas e construiu o seu mundo. Por isso, há dois mundos paralelos: o mundo das coisas e o mundo das palavras.

A linguagem é comunicação entre seres da mesma espécie. O homem, porém, também a utiliza como ferramenta cognitiva para a descrição e explicação da realidade.

A partir de certo momento, a linguagem deixou de ser mera comunicação para se tornar uma realidade autônoma, além do físico e do cultural. Ela não só reflete a experiência humana, mas influi sobre ela e induz novas formas de experiência. A realidade, para o homem, é a linguagem que, por sua vez, se pulverizou em idiomas.

A linguagem se estrutura a partir das experiências de cada cultura, mas parece obedecer a padrões arquetipais subsistentes por trás da diversidade de cada idioma.

A estrutura linguística é inata. Crianças de tenra idade empregam, de modo surpreendente, as regras de construção do seu idioma. O aprendizado apenas aprimora o seu emprego espontâneo. Mas a realidade está além da linguagem.

O mundo que pensamos conhecer com palavras não é verdadeiramente o mundo, mas uma construção vocabular e diatribes gramaticais com variações interpretativas segundo as peculiaridades de cada idioma. E o que pensamos ser descrição e explicação da realidade não passa de criação de realidades sintáticas e semânticas, um construto cognitivo que nos serve como sucedâneo ao real.

Umberto Eco advertia

“A língua não é aquilo através de que se pensa, mas aquilo com que se pensa ou, precisamente, aquilo que nos pensa ou pelo que somos pensados.”

Edward T. Hall entendia que a língua é “um elemento importante na formação do pensamento” e que “a própria percepção que o homem tem do mundo em torno de si é programada pela língua.”

O mundo do homem é mais linguagem do que matéria. É o modo como lidamos com as palavras e seus resultados semânticos que nos tornam aquilo que somos. Construímos a realidade com a nossa linguagem. Mas, as palavras são nomeações de coisas e de estados ou situações. Então, fazemos o jogo de palavras em busca de explicações para as nomeações, procurando encontrar nelas conteúdos, usando, para isso, as próprias nomeações ou palavras. Ou seja, pretendemos entender a realidade através do jogo de palavras. E de tanto acreditarmos na eficácia desse jogo, convencemo-nos de que estamos compreendendo a realidade. Ora, se a linguagem é inútil para compreendermos a realidade, qual então a sua utilidade, senão o seu poder de aglutinar pessoas

para participar do jogo de palavras e dele fazer uma realidade comum, pouco importando a sua veracidade? Afinal, as palavras escritas ou faladas afetam o ser humano orgânica e psicologicamente, segundo a força de sua semântica. Um fato sem nome não nos influencia, porém os fatos nomeados nos afetam quando acontecem e até mesmo quando simplesmente lembramos o seu nome. As palavras, em si, não nos comovem e, sim, os seus significados e a sua força semântica. Por isso, não reagimos às palavras cujo significado não conhecemos mesmo que elas sejam do nosso idioma.

Linguagens diferentes parecem influir na interpretação de fatos, objetos e pessoas. O próprio tempo é afetado pelos diversos idiomas. Cada idioma é um modo de perceber e interpretar o mundo. Assim, o mundo é a nossa linguagem e ela determina o nosso modo de pensar. Com a possibilidade de extinção de quase da metade das 6.000 línguas existentes no mundo, os cientistas estão procurando aprender o que puderem sobre elas com o propósito de preservar formas diferentes de perceber a realidade. Outros estimam que existem, pelo menos, 2.796 línguas e 7 a 8 mil dialetos. Nas cidades sumero-acadianas se falavam duas línguas: a dos homens e a das mulheres.

Peritos afirmam que nenhuma língua do mundo, nem mesmo as línguas internacionais de nosso tempo, possui uma gramática tão completa como o sânscrito, considerado o idioma de maior riqueza de formas e bastante semelhante às línguas europeias, notadamente ao grego e ao latim.

Hans Joachim Störig informou

“Assim como o latim entre nós, o sânscrito era a língua jurídica; importantes códigos de leis da Índia foram escritas nesta língua.”

O grego é dotado de grande facilidade para a criação de palavras compostas, podendo, pela combinação de duas ou mais palavras, criar uma palavra nova com um novo significado.

O idioma dos Ainos não tem qualquer parentesco com outro idioma conhecido. O japonês não faz parte de nenhuma das grandes famílias linguísticas. E o basco é uma língua que parece remontar a época da caverna, pois não se relaciona a qualquer outra na Terra.

O idioma asteca fundia dez ou mais palavras separadas para formar um conjunto unificado. Os esquimós e os zulus possuem línguas sutis e complexas, com vocabulários flexionados de 20 a 25 mil palavras. No idioma árabe, há mais de seis mil palavras diferentes para designar os camelos, suas partes e equipamentos. E os Aivilik têm, pelo menos, vinte termos diferentes para os vários ventos.

James Jenkins afirmava:

“O fato de podermos criar livremente frases que nunca ouvimos é surpreendente. E o fato de podermos entendê-las quando criadas é nada menos que miraculoso”.

Algumas línguas, como o hebreu e o árabe, não têm forma verbal correspondente ao presente. A língua hopi não possui tempos verbais. Os esquimós, com raras

exceções, só utilizam substantivos e verbos. E o chinês parece não possuir o que chamamos de gramática. As palavras são imutáveis, e não há palavras que signifiquem *sim* e *não*.

De todas as línguas artificiais propostas, somente o Esperanto, criado por Lejzer Ludwik Zamenhof, ainda sobrevive. Mas, Hans Joachim Störig propôs o persa “como modelo para um idioma internacional artificial.”

Temos tantos mundos quantos são os idiomas. As palavras e seus ilimitados modos de combinação constroem a nossa percepção da realidade. A sintaxe e a semântica são os alicerces do nosso mundo, decorrente da nossa interação com as condições ambientais em que vivemos. Cada idioma que morre, é uma visão do mundo que se extingue para sempre.

As palavras que inventamos, a linguagem que construímos, em dado momento fugiram do nosso controle e passaram a nos controlar. De senhores da linguagem, passamos a ser os seus servos. Por isso, Erasmo de Roterdam ironicamente observou:

“Só a gramática é mais do que suficiente para nos aborrecer durante toda a vida.”

A coerência e a incoerência do mundo não estão no mundo, mas no modo como as pessoas e as culturas o interpretam. A linguagem é o espírito de uma cultura. De acordo com essa assertiva, Merleau-Ponty acrescentou:

“Daí advém que o sentido pleno de uma língua não é nunca traduzível numa outra. Podemos falar várias línguas, mas uma delas permanece sempre aquela na qual vivemos. Para assimilar completamente uma língua, seria necessário assumir o mundo que ela exprime e não se pertence nunca a dois mundos ao mesmo tempo.”

E José Ortega y Gasset enfatizou:

“A língua não só oferece dificuldades à expressão de certos pensamentos, mas também, por isso mesmo, estorva a recepção de outros, paralisa a nossa inteligência em certas direções”.

Por isso, Clyde Kluckhohn arrematou:

“Uma língua é, em certo sentido, uma filosofia.”

Nomeamos as coisas e os fenômenos físicos, assim como as atividades sociais e psíquicas para identificá-las e conceituá-las. O conceito é o momento cognitivo de maior complexidade, o que resulta em permanente polêmica entre os usuários dos mais diversos idiomas e os de mesmo idioma, com semântica diferente segundo as diversas áreas de conhecimento. Por isso, os usuários de uma mesma língua possuem uma linguagem diferente segundo o tipo de atividades que exercem.

Por outro lado, formas semelhantes podem não ter o mesmo conceito, enquanto formas diferentes o tenham. Assim, em nível mais profundo, nem sempre compreendemos os que os outros estão querendo dizer, embora superficialmente, nas rotinas

coloquiais, estejamos perfeitamente entendidos. A rigor, cada um de nós, na sua subjetividade, possui uma compreensão pessoal do seu idioma, o que dificulta, em alguns casos, o encaminhamento correto de uma discussão, mesmo que não nos apercebamos disso. Na verdade, temos a impressão, e mesmo a convicção, de que estamos sendo plenamente entendidos e os nossos ouvintes e/ou leitores estejam geralmente certos de que nos compreenderam. No entanto, esse *faz de conta* dialogal tem resultados positivos apesar de não alcançar a plenitude de sua compreensão.

A força de uma palavra não está nela, mas no seu conteúdo, na sua semântica. Palavras escritas e faladas são vestimentas de intenções as quais podem ser expressas na linguagem dos gestos. A alma da palavra é a semântica. Se a semântica perder a sua força, ela se esvai. Há palavras que sucumbem, embora permaneçam preservadas, como múmias, nos dicionários. Às vezes, porém, elas ressuscitam quando lhes é dado um novo significado. Palavras mudam de alma.

As palavras nos tiranizam. Amamos, tememos e odiamos certas palavras. Elas são mais fortes do que os fatos que representam e influem sobre nós antes que eles aconteçam e mesmo que não aconteçam. Somos constituídos de células e vocábulos. Refletindo sobre o mundo criado pela linguagem, Humberto Maturana asseverou:

“Fora da linguagem nada existe.”

A verdade, como tudo o mais, é um conceito. E o conceito é o que deriva das relações entre as pessoas e as coisas, assim como das relações entre as pessoas. Pensamos conceitos e conceitos nos fazem pensar, sentir e agir. Letras e palavras são os átomos e as moléculas dos conceitos. Com eles, criamos, destruímos e inventamos sentido para a caoticidade dos fenômenos.

A organização que nos fez, procura ver organização em tudo. E os conceitos são as ferramentas com as quais organizamos o universo físico e social.

Tudo seria volátil se não fosse preservado nas palavras e conceitos. Fatos e imagens sem nome são aparições nati-mortas e vão para o limbo do esquecimento. O mundo, ao menos para o homem, começou com o verbo. “Faça-se a luz e a luz foi feita”. Iavé concedeu ao homem poder de dar nome às coisas. Este, por certo foi o último dia da Criação.

Com o avanço da globalização, poderemos, um dia, ter um mega-idioma, constituído da interação dos idiomas mais usados. Não se trata de um novo idioma artificial como o Esperanto, mas de um poliglottismo internacional, preservando os idiomas constituintes. O homem futuro será naturalmente um poliglota e não um monoglota.

Gaston Bachelard chamou a atenção para o fato de que “a linguagem pode ser tão falaciosa nas ciências físicas como o é nas ciências psicológicas para os espíritos desprevenidos, para os espíritos que não estão atentos à própria evolução da linguagem da ciência”. E arrematou afirmando:

“A linguagem da ciência está em estado de revolução semântica permanente.”

O que existe atrás e além das palavras? Elas são palavras e o mundo que percebemos é o efeito delas. O que existe sem palavras não é percebido ou compreendido? Tudo seria um amontoado de coisas, inclusive as pessoas. O que seriam o sentir e pensar sem palavras? Vivemos mais em função das palavras do que das coisas e elas só existem por que foram nominadas. Como seriam nossos sonhos se não houvesse as palavras?